

ORALIDADE, LETRAMENTO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM OFICINAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO MÉDIO

Elinalva Sales¹; **Raissa Moreira Santos**²; Dr^a Rita de Cássia Braz Conceição Melo³;
Ramiles Silva da Silva⁴

¹ Discente do curso de pedagogia, Universidade do Estado da Bahia – (UNEB), Campus VII, Senhor do Bonfim, BA; Santoselinalva593@gmail.com

² Discente do curso de pedagogia, Universidade do Estado da Bahia – (UNEB), Campus VII, Senhor do Bonfim, BA; raissamoreirasanto0.2@gmail.com

³ Professora Coordenadora do PROINN; Professora da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), Campus VII; Professora da SEC- Bahia; rmelo@uneb.br ⁴
Docente da Secretaria de Educação do Estado da Bahia- SEC,
ramiles.silva@enova.educacao.ba.gov.br

Introdução

A escola desempenha papel central na formação linguística e crítica dos estudantes, sendo responsável pela promoção de práticas de leitura, escrita e oralidade articuladas às demandas sociais contemporâneas. Nesse contexto, o ensino das diversas áreas do conhecimento deve ultrapassar a perspectiva normativa e incorporar abordagens que considerem os usos sociais da linguagem, bem como as múltiplas vozes e identidades presentes no espaço escolar. Nesse contexto, a iniciação à docência representa importante oportunidade de articulação entre teoria e prática, possibilitando aos futuros professores vivenciarem os desafios e as potencialidades do ambiente escolar. Compreende-se que o estudante deixou de ser um agente passivo, mero receptor, para assumir sua posição como sujeito ativo, reflexivo e crítico, capaz de questionar e propor soluções para problemas (Sousa, 2020). Essa perspectiva está alinhada ao pensamento de Freire (1987), para quem a educação precisa desenvolver o pensamento crítico e reflexivo no sujeito de modo a transformar sua realidade e posicionar-se firmemente na sociedade.

Entretanto, o cotidiano escolar tem revelado desafios significativos relacionados à aceitação racial e ao combate a práticas discriminatórias, como advertem Riedemann e Stefoni (2015), reconhecer a existência do racismo nas falas e práticas escolares é indispensável para iniciar a construção de uma educação antirracista. Esse reconhecimento implica compreender que tais manifestações não são meramente pontuais ou isoladas, mas refletem uma ideologia estruturante que sustenta desigualdades históricas. No contexto brasileiro, o racismo estrutural ainda permeia as instituições e relações sociais, impactando profundamente a autoestima, o desempenho escolar e a relação dos estudantes negros com a escola e a vida social (Sousa; Simplício, 2025).

No campo específico da oralidade, permanece como domínio ainda negligenciado. Brun (2017), ao analisar a Base Nacional Comum Curricular, evidencia que a proposta de objetivos de aprendizagem para a modalidade oral da língua revela desequilíbrio acentuado em relação à escrita, bem como ausência de critérios claros para seleção, distribuição e progressão dos objetos de ensino. A pesquisadora observa que, dos 45 objetivos de aprendizagem de Língua Portuguesa propostos para o Ensino Médio, apenas 10 se referem, de alguma forma, à

modalidade oral, subentendendo-se que os alunos destas etapas devem ser mais expostos a práticas de linguagem na modalidade escrita, o que ignora que os estudantes também estão expostos a práticas sociais que exigem o agir por intermédio da oralidade (Brun, 2017).

Apesar dos avanços nas discussões sobre letramento e diversidade, ainda persistem lacunas no trabalho com a oralidade e no enfrentamento do racismo no contexto escolar. A prática pedagógica, muitas vezes, prioriza a escrita em detrimento das interações orais e silencia debates fundamentais sobre identidade e desigualdades raciais, limitando a formação crítica dos estudantes. É precisamente, nessa união de desafios, que o enfrentamento do racismo estrutural e a necessidade de uma pedagogia dialógica comprometida com a formação crítica que se questiona: como práticas interdisciplinares centradas no letramento e em práticas antirracistas podem contribuir para o desenvolvimento crítico dos estudantes? Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar as experiências desenvolvidas no âmbito da iniciação à docência, a partir do desenvolvimento de oficinas interdisciplinares voltadas à oralidade, à leitura e à escrita, com enfoque na educação antirracista no Ensino Médio.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, que fundamenta-se na compreensão dos fenômenos em seus contextos naturais, valorizando significados, experiências e interações dos sujeitos (MINAYO, 2001). As atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa de Iniciação à Docência Norma Neyde, (PROINN), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em turmas do Ensino Médio de uma escola pública de Senhor do Bonfim-BA, entre setembro e novembro de 2025. Trata-se de um relato de experiência que busca interpretar práticas pedagógicas a partir da vivência dos sujeitos envolvidos, articulando descrição e reflexão crítica desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação à Docência Norma Neyde da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Participaram aproximadamente 30 estudantes por turma, os quais foram fundamentais para a construção dos dados, que foram produzidos por meio de registros em diário de campo, observações das interações em sala e análise das produções escritas dos alunos. Os dados foram analisados por meio de uma abordagem interpretativa, inspirada na análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), permitindo a organização, categorização e interpretação das informações produzidas no contexto das oficinas. O estudo respeitou os princípios éticos da pesquisa em educação, assegurando o anonimato dos participantes e o uso dos dados exclusivamente para fins acadêmicos.

Resultados e discussão

As oficinas interdisciplinares revelaram avanços significativos na oralidade e na escrita dos estudantes, especialmente quando os conteúdos foram vinculados à sua realidade e lhes foi garantido espaço sistemático para falar sobre suas experiências. A participação ativa nas rodas de conversa e debates evidenciou o aumento da autoconfiança e da capacidade argumentativa, sobretudo entre alunos antes mais silenciosos. As oficinas foram realizadas em turmas de 30 alunos do ensino médio, sendo assim, no início das atividades, aproximadamente 60% dos alunos demonstravam resistência à participação oral, limitando-se às respostas breves, mas, ao fim do ciclo de oficinas, esse índice reduziu para cerca de 25%, indicando aumento significativo da confiança para exposição de ideias. As discussões sobre racismo estrutural e identidade possibilitaram reflexões críticas e maior conscientização, o que corrobora com Gomes (2017) e Sousa e Simplício (2025) quanto ao papel da escola no enfrentamento das

desigualdades raciais. Essa percepção ficou evidente no questionamento de uma aluna sobre a escola problematizar assuntos de extrema importância apenas em datas especiais, entre elas o Dia da Consciência Negra, demonstrando uma análise crítica sobre o papel da instituição e a necessidade de um debate contínuo.

As oficinas interdisciplinares foram estruturadas a partir de uma diversidade de recursos e estratégias pedagógicas. Durante os encontros, utilizaram-se slides como roteiro mediador das discussões e obras audiovisuais, como, por exemplo, o documentário “Somos Guardiões”, o qual discute sobre como vivem os povos indígenas nos tempos atuais, contextualizando com os temas, aliados à aplicação de *quizzes* interativos que funcionaram como instrumentos de engajamento e sondagem de conhecimentos prévios. Materiais impressos, como fichas de apoio elaborado pelos os autores, nas quais foi apresentada a estrutura de como seriam registradas as atividades, os textos complementares de os sites confiáveis que abordavam o conteúdo de modo mais engajado, bem como roteiros orientadores criados pelos responsáveis em todo planejamento de aula com estratégias, pois, caso algo não saísse como esperado, essas práticas auxiliaram as atividades de leitura e a produção escrita, que incluíram sínteses, relatos de opinião e pequenos ensaios argumentativos, realizados individual e coletivamente.

As estratégias de interação oral ocuparam centralidade no processo pedagógico, com destaque para rodas de conversa e debates mediados, nos quais os estudantes foram incentivados com perguntas reflexivas como “Na prática, a educação do Brasil é igual para todos?” “No mercado de trabalho, a cor de pele influencia nos salários e nas oportunidades?” “O sistema de justiça e segurança trata todos da mesma forma?” esses questionamentos foram vinculados com a realidade de cada um, fazendo com que expressassem suas opiniões, sobre como o governo visa sempre exaltar o homem branco rico, deixando de lado as pessoas periféricas. Foi levado como exemplo por uma aluna o filme “O ódio que você semeia”, no qual é evidenciada a violência policial com jovens negros, fazendo várias pessoas se identificar e falar sobre suas experiências vividas na rua, e de como a polícia tem uma abordagem agressiva para aqueles que são negros ou moram em periferia. O relato sobre o enredo do filme foi construído por um aluno ao se sentir tocado com os questionamentos. Com a participação em dinâmicas de grupo, atividades colaborativas e construção de opiniões que complementaram as vivências, promoveu-se o exercício da oralidade, da argumentação e da escuta ativa. A mediação constante do professor-iniciante buscou assegurar um ambiente de respeito e valorização das diferentes vozes. Durante as oficinas, os estudantes expressaram percepções críticas sobre desigualdades sociais e raciais, como ao relatarem experiências de discriminação e abordagens policiais diferenciadas. A menção ao filme “O ódio que você semeia” e os relatos de vivências pessoais evidenciam o reconhecimento do racismo estrutural no cotidiano dos alunos, ampliando o debate e fortalecendo a construção de uma consciência crítica, em consonância com a literatura da área.

As produções escritas que deram voz para enxergar fragilidades na área da saúde, como uma aluna cita a falta de médicos capacitados e a negligência de atendimentos em hospitais, com comentários orais de estudantes também compuseram o corpus de análise, ao relatarem um pouco sobre a estrutura de escolas e de como a educação tem desandado, comentário como esse permitiu uma reflexão sistemática sobre a prática pedagógica.

Entretanto, persistiram dificuldades como resistência à leitura em voz alta, obstáculos na escrita coesa, problemas de concentração e comportamentos inadequados, agravados pelo uso excessivo do celular. Tais desafios evidenciam a necessidade de estratégias pedagógicas contínuas e sensíveis às realidades socioemocionais dos estudantes, reafirmando a iniciação à

docência como espaço formativo essencial para a construção de práticas educativas dialógicas, contextualizadas e comprometidas com a equidade.

Considerações finais

As práticas interdisciplinares favorecem o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita. A abordagem antirracista amplia a consciência crítica dos estudantes. Nesse contexto, a iniciação à docência contribui para a formação pedagógica reflexiva, pois instiga os alunos a refletirem sobre os desafios os quais perpassam o seu cotidiano, como o racismo em diversas esferas, e promove, assim, uma educação contextualizada às vivências dos estudantes, conforme postula Freire (1987), o qual afirma que o espaço e os problemas sociais dos sujeitos precisam ser entendidos por eles para que possam construir uma educação libertadora e crítica.

Além disso, o uso de produções audiovisuais foi fundamental para que os alunos construíssem relações análogas entre os acontecimentos realizados na ficção com seu espaço, promovendo, assim, a construção de aprendizagens voltadas à comparação entre a realidade e a arte. Por isso, o uso de diferentes dispositivos é fundamental, pois estabelece a compreensão sobre o conteúdo abordado a partir de estratégias diversas. No entanto, persistem desafios relacionados à escrita, concentração e participação oral, mas o uso de estratégias contínuas e contextualizadas mostram-se necessárias para a aprendizagem, pois fomentam o estímulo à participação e ao engajamento do aluno.

Por fim, a abordagem a partir da educação antirracista estimulou a construção de conhecimento, por meio da sequência de atividades planejadas e executadas, assim como fortaleceu o sentimento de pertencimento e a valorização das identidades negras no ambiente escolar. Mesmo que, inicialmente, tenham surgido resistências ou dificuldades na articulação entre os conteúdos formais e as questões raciais, a continuidade das oficinas demonstrou que o conhecimento, quando mediado pela perspectiva antirracista, deixa de ser um exercício técnico para se tornar uma ferramenta de afirmação e resistência. Esse processo evidencia que a iniciação à docência não deve apenas ensinar a ler e escrever, mas capacitar o futuro professor a ler as ausências e as presenças no currículo, garantindo que a escola seja, de fato, um território de liberdade e reconhecimento para todos os sujeitos.

Palavras-chave: Iniciação à docência; Práticas discursivas; Relações étnico-raciais; Interdisciplinaridade.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

BRUN, Edna Pagliari. A oralidade no Ensino Médio: uma análise da Base Nacional Comum Curricular. **Entretextos**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 231–264, jan./jun. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2015.

RIEDEMANN, Andrea; STEFONI, Carolina. Sobre el racismo, su negación y las consecuencias para una educación antirracista en la enseñanza secundaria chilena. **Polis**, Santiago, v. 14, n. 42, p. 191–216, 2015.

SOUSA, Paulo Devyity Rodrigues de. **Música e ensino de Química: uma proposta com enfoque CTSA para o ensino dos gases**. 2020. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020.

SOUSA, Paulo Devyity Rodrigues de; SIMPLÍCIO, Jocélio Procópio. Educação antirracista na escola: desafios e perspectivas da comunidade escolar frente ao racismo estrutural. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 18, n. 10, p. 123–140, 2025. DOI: 10.55905/revconv.18n.10-209.

